

FANTOCHES



SUMMARIO

O SR. FERREIRA DO AMARAL FOI ÀS TRIPAS—COMO S. EX.ª SE FEZ JACOBINO — OS JANTARES DO SR. GRANDILLA — A INGENHARIA D'UM REI — O ALMOHANTE ARROTA.

OS ALLEMÃES E A PORTA ABERTA — ANGOLA ATRAVÉS OS TEMPOS — OS DESENHOS DO KAISER — AÍDEUS COLONIAS!... O QUE FAZ O POVO?

N.º 7

Preço avulso 20 réis

Numeroz atrazados: 40 réis

Lisboa 9 de abril de 1914

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao **DIRECTOR e EDITOR Rocha Martins**

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E DEPOSITO

LARGO DE S. PAULO, 12—LISBOA

Propriedade da empresa dos «FANTOCHES»

Composto e Impreso na **IMPRENSA PROGRESSO**
Calçada S. Francisco, 23 — Lisboa

Rocha Martins

N.º 7

FANTOCHES

Notas semanaes sobre os acontecimentos
políticos

9 de Abril de 1914

SUMMARIO

O SR. FERREIRA DO AMARAL FOI ÀS TRIPAS — COMO S. EX.^a
SE FEZ JACOBINO — OS JANTARES DO SR. GRANDELLA — A INGEN-
NUIDADE D'UM REI — O ALMIRANTE ARROTA.

*

OS ALLEMÃES E A PORTA ABERTA — ANGOOLA ATRAVEZ DOS TEM-
POS — OS DESENHOS DO KAISER — ADEUS COLONIAS!... O QUE FAZ
O POVO?

Director e Editor — **ROCHA MARTINS**

Propriedade da empresa dos Fantoques

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E DEPOSITO LARGO DE S. PAULO, 12, 1.º — LISBOA
Composto e impresso na IMPRENSA PROGRESSO
Calçada S. Francisco, 23, Lisboa

Quando o Porto ou antes os jacobinos da capital do norte julgavam vêr apparecer a pera mephistophelica do sr. Affonso Costa surgiu-lhe a papeira farta do almirante sr. Ferreira do Amaral. E' que se tratava d'um jantar e o Porto não esqueceu decerto com que formidavel appetite o presidente do conselho do rei D. Manoel comera os jantares officiaes que lhe offereceram quando da viagem regia. Houve quem comparasse o seu appetite ao do gesto machinal dos barbeiros que mesmo quando não estão cortando as nossas farripas vão tilintando com a thesoura. E' que o almirante entre os diversos pratos ia sempre movendo os queixos. A veneranda reliquia entre a sopa e o peixe, entre o assado e o rost-beef, entre a fructa e o champagne, entre o café e o limão das abluções roia pão com manteiga fresca. Disseram os jornaes que o sr. Ferreira do Amaral falára então d'uma janella ao lado do joven rei e tornam a noticiar, mal passados tres annos, que falou em nome d'Affonso Costa.

Mal acredito em jornaes. A' força de os fazer sei como se fabricam jornaes portuguezes dentro das convenções e dos interesses e por isso d'aqui os desminto. O almirante não foi ao Porto nem então nem agora para orar. Foi porque havia banquetes e elle é todo estomago.

Um caso de sensação foi a volta brusca do sr. Ferreira do Amaral á vida publica.

O ministro de D. Manoel, o homem de confiança chamado no começo do reinado, appareceu novamente por entre o clamor de pasmo daquelles que dando a todos os monarchicos o direito de se integrarem na vida da Republica lhes exige pelo menos memoria para os seus actos de ha dois annos.

Qualquer individuo sem responsabilidades na marcha politica da monarchia, na sua administração, na sua fórmula, aquelle que não foi aulico ou sequaz, que não andou pelas recamaras do paço, louvaminhando, solicitando ou intrigando, póde ir espontaneamente collaborar na obra da revolução. Fal-o-á sem córar do passado, embora tivesse estado n'um partido do velho regimen sem se sujar, sem se comprometter. A nação precisa da todos, mas não deve aceitar baixezas.

Uma época da historia que sempre me indignou por fazer cair aos meus olhos os heróes quasi legendarios que me habituara a respeitar, é a da restauração monarchica em França.

Não concebo o velho Soult, vergado ao peso das commendas e dos titulos do imperio, jurando fidelidade a Luiz XVIII e amo mais ou *demisolde*, rôtos, de chapéos amachucados, *groguards* e conspiradores mostrando ao peito a imagem de Napoleão decaído. Tayllerand apouca-se aos meus olhos quando o vejo curvado diante de uma dynastia cujo chefe elle ajudára a condemnar e mais sympathia sinto pelos velhos soldados que procuraram roubar o rei de Roma do seu carcere bem guardado de Schonebrun, onde o filho da aguia se ia definhando aos poucos. Nunca comprehendí Cambacerés, regicida, feito aulico do imperador e cada vez que leio a sua sentença dita em voz levantada na Assembléa, a mandar Luiz XVI ao cadafalso, evoco-o logo de capa e romeira, de espadim e chapéu armado, de pé, atraz da cadeira imperial, soffrendo horriavelmente das varizes.

Então o *á morte* da convencional tem maior hediondez ao lembrar-me que se transformou n'um lacaio o homem de cujos labios aquella phrase saiu.

Por isso eu fui dos mais indignados ao sentir que o sr. Ferreira do Amaral voltava á vida publica, primeiro docemente, depois a avançar e, sobretudo, quando o disseram de braço dado com o radicalismo.

Aquillo principiou tambem por um banquete — o velho almirante teve sempre esse fim na vida — na magnifica propriedade do sr. Grandella, na Foz do Arelhô ao qual foi o sr. Affonso Costa. Ao *dessert* houve os costumados discursos e o almirante fallou na bandeira encarnada e verde com sympathia. Se elle não havia de amar o encarnado: a côr do tomate tão saboroso com codernizes; o verde das digestivas hortaliças! O facto nos arriaes monarchicos causou alarme. Para mim achei logico que elle amasse o symbolo da Republica. Se não quizesse dedicarlhe respeito devia ter renunciado ao seu posto, ao cargo rendoso de commissario junto d'uma poderosa companhia e com as insignias que recebera da monarchia ir juntar-se aos seus paladinos. O almirante ficara; logica era, pois, a sua attenção pela bandeira. O *toast* não me impressionou.

Porém, quando começou a correr que elle se ia filiar no partido do sr. Affonso Costa e que num futuro ministerio democratico lhe destinavam a pasta da marinha, fiquei de atalaya. O sr. Ferreira do Amaral, não podia dar esse salto tremendo. Em vez de um honrado marinheiro teria o aspecto de um arlequin. Ha idades em que já se não muda, ha posições creadas que não se adaptam a outras. O primeiro ministro de D. Manuel não poderia com uma pasta n'um ministerio radical.

Ministros como o sr. Pereira de Miranda, o sr. Montenegro, o sr. Paçô Vieira, poderiam atravessar essa ponte e prestar as luzes dos seus talentos á Republica. O almirante Ferreira do Amaral não.

A' sua experiencia, á sua dedicação, á sua fidelidade, á sua

bravura, na hora amarga da orphandade se entregára o rei ingenuo e timido, mais como um amigo que como a um politico. O almirante não tinha partido; não andava na roda dos mexeriqueiros. Se um politico deve trair um amigo nunca e dahí o não se conceber que esse homem de cãs venerandas pudesse esquecer tão rapidamente o que representara aquelle acto do soberano.

Depois a seu lado, correndo o paiz, guardando-o na sua sombra, recebendo nas suas dragonas de ouro a chuva das flores lançadas das janellas sobre a carruagem real, levando-o quasi pela mão como a uma criança mascarada de general mostrando-o como a alguém que se deseja tornar sympathico, achando para o enaltecer palavras de amor e de respeito, falando a todo o momento da sua espada para o defender, o almirante tornara-se como um paladino fidelissimo desse rapaz que vindo para a realza de uma tragedia n'elle se apoiava como n'um braço de um vassallo leal que podia ser seu avô.

Quando se falla em conjuras o almirante é quem conduz o rei. E' quem lhe ensina! . . .

A andar cercado de lanças. Tem o ar de parecer tremer pelo rei, por aquelle principio de ternura que nos leva a receiar a todos os momentos pelos entes queridos.

Mas havia além d'estas provas de amor pelo rei os symptomas mais evidentes do seu apego pela monarchia. Nunca desde o tempo de dona Maria II correra tanto sangue de populares como no consulado do velho almirante que o partido democratico — no dizer de muitos — buscava atrair para si.

Podia não ser senão um boato, mas era necessario recordar o passado não á memoria do ministro de D. Manoel, porque de certo não o esquecera mas á daquelles que procuravam attrahil-o.

O povo tambem não esqueceria mais aquellas horas em que o almirante, estando no poder, consentira nos fuzilamentos por occasião das eleições. Dezassete homens morreram, cem ficaram feridos, duzentos atulharam as casamatas das fortalezas.

A pasta que o partido democratico lhe atirasse estaria manchada de sangue. Decididamente o sr. Ferreira do Amaral não ingressava num partido, não reentrava na politica.

la talvez comer algum jantar.

Havia detalhes que surgiam de chofre á nossa memoria, trechos da chacina na manhã de 5 de abril de 1908, no largo de S. Domingos, a dois mezes de distancia do regicidio como se tentasse vingar o sangue real derramado no Terreiro do Paço. Eram os cidadãos querendo ir votar e a guarda municipal entrincheirada na igreja alvejando-os depois de um tumulto; eram os policias correndo a agarrar todos os que passavam e a cavallaria em Alcantara carregando sobre a populaça. E ainda, n'uma impagavel recordação, alguém molhando no sangue dos fuzilados os dedos e traçando com elle na parede fronteira á igreja um barrete phrygio.

Isso jamais esqueceria como não iriam olvidar-se de momento as objurgatorias revolucionarias contra o presidente do conselho que assim defendera a monarchia.

Se José Luciano não podia entrar n'um partido republicano pelas suas graves responsabilidades no constitucionalismo, o almirante tambem não poderia estar n'uma facção porque — mesmo sem essa prova de confiança que o rei lhe dera — teria a nota da sua dedicação á monarchia n'aquella chacina.

Aquillo que se preparava devia ser apenas algum jantar campestre com vinhos finos.

Os factos porem vieram provar que o sr. Amaral se filiara. Em que partido? No intelectualismo do sr. Camacho? No conservantismo do sr. dr. Antonio José d'Ameida? Não. No jacobinismo do sr. Affonso Costa. Por isto ha quem imagine o almirante candidato á presidencia da Republica, julgando o sr. dr. Manuel de Arriaga um Thiers e o sr. Ferreira do Amaral um Mac-Mahon.

Esta monomania nacional de encarapuçar nas maiores desproporções os nomes dos politicos francezes nos nossos homens,

cegou essa gente, a ponto de não pensarem que jamais o velho presidente da Republica poderia aprovar as infamias contra a Communa como o sr. Ferreira do Amaral não teve na sua vida Malakoff nem Sedan ou coisas semelhantes e não foi duque, embora no regimen deposto tivesse todas as honrarias, desde ajudante de campo do rei a grão-cruz da Torre Espada

Para nós elle pode ser deputado democratico, membro cotado do partido jacobino, arbitro, dono do *Mundo*, primo bastardo do sr. Affonso Costa que não o encararemos sem uma gargalhada.

O almirante não é nada d'isto, pretende um almoço; não trata da defeza nacional engendra *menús*, não fez o 5 d'abril realisou apenas um molho de vilão, não foi ao Porto fazer conferencias foi ás tripas, não fallou pelo sr. Affonso Costa mas em nome do seu estomago. O almirante desde ha muito não discursa, não pensa, não age, não tem responsabilidades. Enfartase e arrota.

Não é um marinheiro é um glutão, não brande uma espada mas um garfo, não commanda a artilharia mas sempre mais bifés. Por isso d'aqui desmentimos os jornaes que o disseram a fallar d'uma janella no Porto. Esteve apenas a remoer. Eis o que foi.

O sr. dr. Pedro Martins, que é um dos mais bellos espiritos de Portugal e um homem de bem, perguntou no Senado — ante o glacial silencio dos ministros — o que havia ácerca da seguinte noticia do *Temps* sob o titulo *Colonias Portuguezas*:

«O nosso correspondente de Berlim telegrapha-nos:

Ganha credito na Allemanha a opinião de que a colonia portugueza d'Angola vae entrar proximamente na esfera de influencia do Imperio. A Companhia de Navegação Hamburg Bremen-África, filial do Norddeustcher Lloyd consigna no seu relatorio annual que se pôde esperar proxima melhoria dos negocios de

transporte na Africa, pois que a Allemanha será provavelmente admittida a participar dentro de pouco tempo na exploração dos grandes protectorados que Portugal possui na costa occidental d'Africa».

A resposta clara a esta noticia está na declaração feita nas nossas camaras e no decreto que se chama de *Porta aberta* em Angola.

Não vamos perder a nossa influencia, o nosso dominio, não vamos ser apenas uns tolerados na nossa casa porque nos tivessem conquistado á mão armada terrenos mas porque demos essa influencia de mão beijada. Isso não succedeu porque tivemos no nosso exercito um general infeliz mas porque tivemos e continuamos a ter no galarim ministros miseravelmente ineptos.

Guilherme II desenhou ha annos o anjo da paz. Era uma figura romantica, alada e vestida de ferro, que participava de São Miguel e de cavalleiro teutonico segurando o punho do seu gladio embainhado como o de um pacifico official reformado e erguia na mão alta um ramo de oliveira. Não sei porque esse anjo da paz deu-me sempre a impressão de que, quando o fixava, puxava da sua arma scintilante, carregava o rosto rosado, as azas caiam-lhe e elle era só uma escama de ferro, enquanto que o ramo symbolico se transformava na flôr de giesta, que Jorge d'Anjou — o mais turbulento dos principes — trazia no seu gorro.

Um dia, soubemos que este imperador, tão dado aos desenhos symbolicos, achara excellente que se arvorasse a bandeira da sua patria na nossa terra de Keonga, depois que levantára o pó sagrado de Fez com as patas do mais lindo dos cavallos arabes, envolto no mais alvo manto das suas ordens guerreiras para impôr a sua figura e para fascinar o marroquino. Tempo depois o arabe tinha o protectorado da França, não sem que o

anjo da paz deixasse de fazer tilintar o gladio, enquanto não lhe aplacaram as iras com um naco de terra no Congo francez, desde a fronteira do Camarão, pelas beiras do Oubangui, até Sikouriz, das margens do Muru ao mar, n'um caminho para os seus productos, uma via maritima para os seus celleiros dos territorios já conquistados.

Mas isso não basta á gula germanica, a essas boccas que se abrem devoradoras. Então como a Africa portugueza, com os seus campos saudaveis, os seus planaltos ferteis fica na estrada que mais desejam rasgar através do Congo belga para o Oceano, as boccas dos allemães abrem-se de pasmo, saudando tanta belleza e logo se escancaram de novo gritando bem a sua ancia de a possuir.

A acção germanica em Africa tem, de resto, sido quasi sempre assim exercida. No Keonga é um pau de bandeira que se fixa e um estandarte listrado que sobe; no Camarão a entrada cautelosa com algumas latas de conservas e alguns covados de panno encarnado para os indigenas. Hontem na linha portugueza de Cubango o gesto de que não estava delimitada a fronteira e a sahida dos nossos soldados dos fortes que audaciosamente o capitão João d'Almeida allí plantára.

O soldado portuguez tem d'estas audacias e João d'Almeida — um serrenho da nossa Beira Alta, doutor em philosophia por Coimbra e capitão do estado-maior, magrito, baixo, nervoso, accusado agora de conspirador monarchico e condemnado — depois de ter dominado os Dembos, rebeldes desde 1874 e creado em volta do seu nome uma aureola, foi para o Ovampo, a erguer o seu forte, passando por entre florestas, marchando tão bravamente como Roçadas ao iniciar essa occupação. Este collocára um forte em Damakera, aquelle levantou o do Cubango. Até allí nunca o allemão se dera por senhor de semelhantes paragens. A sua faixa de terreno, na margem direita do Cuito,

é quasi despovoada e a nossa, na orla esquerda, floresce como se fosse abençoada; o gentio achando-a saudavel habita-a e subordina-se.

Com uma paciência enorme, batendo-se umas vezes, deixando no campo alguns soldados effectuou a conquista, fundou n'esse terreno, eternamente rebelde, de Otokero, o forte e logo outro em Cafima apesar das ameaças dos grandes bandidos da região, os cuanhamas.

Pois o allemão, que tem sido sempre batido pelos ovamos, que busca dominar, que tem até deixado no campo officiaes superiores cujas cabeças vão enfeitar as aringas dos chefes, emquanto as aves de rapina e o tempo não as descarnam, apossou-se dos nossos fortes.

Houve em Portugal uma indecisão e fallou-se em mandar uma missão de que faria parte o proprio João d'Almeida a Berlim para o accôrdo definitivo ácerca das fronteiras. Seria o chefe d'essa embaixada o dr. Duarte Leite antigo ministro da fazenda—dizem uns—o dr. Bernardino Machado affirmavam outros.

Em todo o caso a missão seria inteiramente escusada. O allemão deitou para as regiões portuguezas o seu olhar cubiçoso e bateu teimosamente o seu pé ferrado.

A monarchia quando sentia as oscillações do throno mandava dizer pelas gazetas que vinda a republica as colonias estariam perdidas.

Era assim?

Talvez não o fosse se tivesse havido tactica e juizo, se os politicos republicanos não fossem apenas fantoches guinchadores e palavrosos

Não carece a Allemanha agora d'um *causa bellis*. Abriam-lhe a porta em Angola.

Não foi, pois, preciso esse banal pretexto que a diplomacia ás vezes usa. A Inglaterra tomou o Egypto para assegurar o seu caminho da India porque os fortes artilhados de Alexandria ameaçavam os seus couraçados que em vez de estarem em Southampton, em Liverpool ou n'um cruzeiro nos mares das possessões ali tinham fundeado; a França guardou Tunis, que lhe perturbava um pouco a fronteira argelina, porque tendo fiado algumas caixas de Clicot para os banquetes do bey e emprestado alguns francos para as suas bambochatas se achava crédora d'aquelle povo de desgovernados; assim se fez protectora em Marrocos porque se carecia ali da paz e do mesmo modo a Inglaterra usou no Afagnisthan. Ha dias a Italia porque Tripoli é um rochedo e ella apostou fazer d'esses cumes um jardim foi conquistar Tripoli. Não fará um parque como se entende, fará um morro. Não florescerão as rosas, apparecerão as bayonetas; não se ouvirão versos de Dante nos bosques verdejantes mas sim o brado dos canhões nas fortalezas cavadas na rocha.

Todos fizeram isto e a Allemanha — e sobretudo o Kaiser — não participou de coisa alguma. A França fica com Marrocos e dá-lhe um vago areal como se ella em vez de ser um chagal fosse uma pulga do mar.

Mas lá para baixo estão as regiões florescentes do Congo limitado pelo Zaire que Diogo Cão subiu no tempo em que a Allemanha ainda não tinha mais audacias que as das arruaças nocturnas dos seus reitres nem outros ambiciosos sonhos do que os emprestados pelas fadas e gnomos da Silesia. A pulga do mar que a França deixou installar mostrará bem que é o lobo da Floresta Negra onde Schiller collocou os seus *Bandidos*.

Entretanto o governo portuguez dá-lhe a influencia em Angola na qual nós fazemos a figura d'um velho que paga uma moçoila que outros de bigodes mais loiros e ares mais viris gosam.

Um jornalista allemão — o sr. Bruno Buchenbacher, que ha annos vive em Portugal, foi a essa região congoleza mas antes de tomar o seu logar a bordo não deixou de mostrar a um seu camarada portuguez, o sr. Hermano Neves, quaes as ideias e os planos da sua Allemanha imperial e ávida de dar vasão ao seu commercio, á sua industria, de collocar os seus allemães em terra allemã. E só essa terra serve-lhes por ser salubre, fertil, com um caminho para o mar, porque o allemão não é como o portuguez esse audacioso que a tudo se adapta e para chegar a um fim deixa as veredas cobertas de ossadas. O portuguez avança com um punhado de farinha e uma cartuxeira, o allemão e o inglez com as suas refeições escolhidas e a sua roupa branca. Por isso Portugal descobriu e os outros aproveitaram. Chegado ao seu fim o explorador voltava, dizia como plantára o seu padrão. Quem quizesse fosse lá ver. E o rei de Portugal foi sendo assim senhor da Guiné, da Conquista, da Navegação, tendo um dominio por direito de descoberta em terras que só mais tarde, muitos seculos depois, se foram occupar.

Grandes sonhadores de aventura, os nossos; praticos galeotos da mercancia, os outros. Nós pereceremos como a Grecia, elles ficarão como essa ilha de piratas nortemandos a que chamam Gran-Bretanha.

O portuguez ia aos confins do mundo e entrava a ter saudades da capellinha branca da sua aldeia, a querer arranjar um punhado de areia para edificar um lar entre as arvores verdes da sua patria. E arranjava o oiro e vinha para a terra. Os outros — no começo — lisonjeavam-no como os bandidos ao ingenuo Gil Blas, chamavam-lhe oitava maravilha do mundo e foram apanhando Ceuta e Arzilla como os ladrões comeram a ceia ao Santillana; offereceram-lhe as suas princezas, como os comensaes, queriam dispensar-lhe os seus serviços e conseguiram Bombaim, a India, tudo. A princezas — como essa D. Catharina cujo

pó o sr. dr. Bernardino Machado outro dia acompanhou a S. Vicente de luto pesado e com uma expressão compungida no rosto, como se lhe tivesse morrido pessoa de familia — voltavam molestadas pelas brutalidades dos esposos, as doações ficavam porque este rico perdulario tinha menos princezas do que colonias.

Tambem na sua grandeza, achava ignobil cultivar. Se o ouro vinha da terra, tomava o ouro, os diamantes, as pedrarias. Não alçava a enxada para cavar; vigiava o escravo. Assim foi andando pelos seculos fóra, deixando que o seu sangue de conquistador se transmudasse para as veias dos conquistados. Dahi o erro que com a saudade fez deste bello homem de conquista o peor dos colonisadores.

Os outros achavam o caminho desbravado e installavam-se. Eram os senhores. Levantavam as suas casas para ficarem ali definitivamente. A sua terra era aquella donde saia o seu pão. Os filhos creavam-se á sombra de arvores exóticas, embora tivessem nascido em Regent Street ou em Wilhelm Strauss, na burguezia Haya ou no Paris aristocratico e assim dos matagaes por nós conquistados elles fizeram as suas cidades modelares pela África e pela Ásia, pelo mundo. O inglez passa tão bem o seu Natal em Bombaim como em Londres, o allemão come tão bem o seu queijo fedorento em Camarão como em Berlim. Ficam, porem, sempre britannicos e sempre germanicos. Não têm filhos de concubinas negras, levam as esposas para essa estação que póde durar uma vida; não criam uma familia mestiça, tem a sua. Á medida que vão enriquecendo mais se agarram ao solo que os faz enthesourar. Não são soldados, são commerciantes; não são romanticos são praticos.

Agora que os portuguezes já começam tambem a fazer uma vida colonial semelhante, a installarem-se, a quererem ser os verdadeiros senhores da terra conquistada, os outros, fortaleci-

dos, dominadores do mundo, mostram a esses soldados de Africa os seus canhões da Europa, faceis de transportar a bordo dos grandes couraçados que nós não temos e nos seus portos abundam, negros como monstros, de chaminés fumegantes e dorsos eriçados de artilharia.

E porque assim é e porque os ministros republicanos, mesmo sem ameaças e não sabemos se com particulares interesses, lhes abrem as portas, os gerentes da companhia allemã affirmam peremptoriamente com um sorriso e fumando um charuto, que a Allemanha carece de uma boa faixa de territorio no sul da Angola e que se pode esperar a maxima melhoria nos negocios de transporte.

E é o planalto de Mossamedes que dentro em pouco mostrará as suas lindas flôres de algodão que ella deseja e é uma linha obliqua, passando de Porto Alexandre ao Cunene, que ella cubiça. Quer a sua expansão. Para isso que faz? Diz apenas como um soberano a sua vontade: Querol!

O Governo republicano brada: Pois tome lá!

Nós naturalmente, por um orgulho de raça, por nos sentirmos delapidados, gritaremos como uma familia á qual entram ladrões em casa mas logo nos calaremos como se num dado momento tivéssemos reconhecido que, com a sua linha negra de couraçados, os ladrões pertencem á policia da Europa, á mesma que em nome do Direito — desde que um forte o evoque — deixa bombardear Alexandria e saquear Tripoli.

Mas dir-me-hão. Tudo isso porque um negociante allemão, chupando um cigarro, annunciou tantos desejos da sua patria do seu governo e da companhia a que preside?!

E' que além dos fortes que nos levaram e do exemplo do Keonga, temos as seguintes indicações peremptorias: *O Post* e a maior parte da imprensa allemã fallam na absorpção de Angola; affirmando-se que pelo tratado secreto, quando da cendencia dos terrenos francezes no Congo, isso ficára resolvido. Tudo o indica. De resto apparece clara e positivamente á simples vis-

ta: A Allemanha não deixava occupar Marrocos a troco de uma talhada de terra por cultivar. Ella não é uma pulga da areia; é um chacal. Não quer saltitar, quer devorar. Precisa expandir-se, espreguiçar-se, dominar. O nosso terreno — onde o negro apenas aos portuguezes chama *o branco* — terá outras bandeiras nos seus edificios e nós soffreremos pela nossa incuria, pelas nossas faltas e porque o mundo é dos fortes, o que fizemos sofrer aos outros, aos povos a que fomos arrancar as riquezas, áquelles a quem queriamos impôr uma vaga civilização que não lhe demos ainda.

E' um castigo?! Quando chegará então o desses puros for tes?!

O Kaiser não desenhou só o anjo da paz, deixou tambem numa tela uma legião passando por uma paysagem abrasada: não era a Polonia que os seus antepassados retalharam, nem a França, que seu avô calcou nem Selwing Holstein subjugado. Erá toda a Europa. O Kaizer por entre o bigode chamou a essa tela: *o perigo amarello*.

Será então a vez de soffrerem os grandes vencedores de agora como chega a dos vencedores do passado.

*

Mas até lá elles gosarão o que tanto nos costou a sustentar.

Para isso apenas mostraram intenções, fallasaram; não fizeram como a Inglaterra no Egypto como a Italia na Tripolitana.

De cá os homens da republica ao menor desejo esboçado, sem patriotismo, sem grandeza, sem diplomacia, exclamaram de pernas a tremer: *Ahi teem! . . . Ahi teem! . . .*

—Podementrar...Cousas da vida, infelicidades...Pobre colonia...

E assim ficou Angola de porta aberta e no senado ninguem terá a coragem de responder ao sr. Pedro Martins.

Não está longe o dia em que o povo pergunte pelas colonias com um chicote na mão se não se limitar, coitado, como em 1890 em caso menos grave, a vestir o Camões de viuva!

Brevemente do auctor:

○ JACOBINO ○

(Romance contemporaneo)

No prelo:

Do Regicidio á Dictadura Republicana

Em preparação:

O FRANQUISMO